

CULTURA E ESPORTE: O POSSÍVEL DIÁLOGO

ADRIANO JOSÉ ROSSETTO JUNIOR

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Instituto Esporte e Educação / Brasil

adrianorossettojr@uol.com.br

Resumo

Este artigo analisa os diálogos entre esporte e cultura, fenômenos sociais, universais e complexos. Na concepção de Bauman (2012), para que a cultura possa ser compreendida torna-se indispensável análise de coexistência de três conceitos ambivalentes: hierárquico de cultura, evidencia oposição entre cultura 'requintada' e 'grosseira', tendo a educação como ponte entre elas; diferencial de cultura, que é produto e produtor das infinitas oposições entre os modos de vida; genérico de cultura, estruturado pela dicotomia mundo-humano e mundo-natural, ao mesmo tempo congregando e distinguindo o humano das demais. Refletir o esporte sob luz dos conceitos de Bauman (2012) e da "boa intenção" do diálogo entre culturas, explorado por Jullien (2009), ao ressaltar que as tentativas de diálogo parecem manifestação de universalismo e estão longe de acontecer e discutir as categorias de cultura universal, uniforme e comum, possibilitam a análise crítica e a compreensão menos pueril do esporte. Assim, infere-se sobre o nexos esporte e cultura: 1) Forma de padronização da cultura, como fator de universalização, melhorando saúde e educação; 2) Produto midiático, como cultura globalizada, práticas uniformes, que favorecem comercialização; 3) Linguagem corporal que beneficia o diálogo do comum entre as culturas, aproximando os homens para a convivência.

Palavras-chave: Esporte; Cultura-universal; Cultura-uniforme; Cultura-comum; Diálogo cultura-esporte.

Cultura y deportes: el posible diálogo

Resumen

Este artículo examina el diálogo entre el deporte y la cultura, los fenómenos sociales, universales y complejos. En la concepción de Bauman (2012), para que la cultura puede ser entendida se convierte en indispensable el análisis de coexistencia de tres conceptos ambivalentes: cultura jerárquica, que muestra la oposición entre la cultura 'refinada' y 'tosca', tomando la educación como un puente entre ellos; cultura diferencial, que es producto y productor de interminables oposiciones entre los modos de vida; cultura genérica, que es estructurada por la dicotomía del mundo humano y mundo natural, congregando y distinguendo al ser humano de los demás. Reflejar el deporte bajo los conceptos de Bauman (2012) y la "buena intención" de diálogo entre culturas, explorado por Jullien (2003), para enfatizar que los intentos de diálogo parecen manifestación del universalismo y distan de suceder realmente y discutir las categorías de la cultura universal, uniforme y común, proporcionan el análisis crítico y la comprensión menos pueril del deporte. Por lo tanto, se infiere sobre el nexos entre deporte y la cultura: 1) forma de estandarización de la cultura como factor de universalización, mejorando la salud y educación; 2) producto mediático, como cultura globalizada, prácticas uniformes, que fomentan la comercialización; 3) lenguaje corporal que beneficia el diálogo común entre culturas, aproximando a los hombres a la convivencia.

Palabras clave: Deportes; Cultura-universal; Cultura-uniforme; Cultura-común; Diálogo cultura-deporte.

Culture and sports: the possible dialogue

Abstract

This article proposes an examination of the dialogue between sport and culture, social phenomena, universals and complexes. According to Bauman's (2012) studies, to understand culture, it is indispensable the analysis of coexistence of three ambivalent concepts: hierarchic culture highlights the opposition between 'refined' and 'coarse' culture, taking education as a way between them. Culture's differential, which is the producer and the product of endless oppositions between life's ways; Culture's generic, structured by the dichotomy of world-human and natural-world at the same that time it congregates and distinguishes human's race from the others. Reflect about sports under Bauman's (2012) concepts such as 'good intention' of dialogue between cultures, explored by Jullien (2003), pointing out that the attempts to dialogue seem universalism manifestations and are far from happening and discussing the categories of universal culture, uniform and common, enabling critical analysis and a less puerile understanding of the sport. Thus, infers on culture and sports: 1) Culture standardization way as a factor of universalisation, improving health and education; 2) Media product such as globalised culture, uniform practices, which encourage commercialization; 3) Body language that benefits the common dialogue trough cultures, bringing men into coexistence.

Key-words: Sports; Universal-culture; Uniform-culture; Common-culture; Culture-sports dialogues.

Introdução: falando de cultura

O esporte é um fenômeno social universal. Presente em todos os países, dos mais ricos aos mais pobres, dos mais aos menos desenvolvidos. A globalização do esporte supera as barreiras de gêneros, crenças religiosas, linguagem, etnias, e é a única atividade humana a mobilizar mais de 2 bilhões de pessoas em um evento (Pilatti,1999). O esporte desenvolveu-se rapidamente no século XX, surgiu na Europa, especialmente na Inglaterra, tornou-se a prática corporal hegemônica e, ainda, gera a esportivização de outras manifestações da cultura corporal, como dançar, andar de skate, escalar e outras (Bracht, 2006).

Deve ser entendido como patrimônio cultural dinâmico da humanidade, porque é criado, transmitido e transformado pelo homem ao longo dos tempos. Hoje, não é mais possível compreender o esporte de maneira única. Conforme Bento (1997); Betti (1998); Gaya (2000) e Marchi Júnior e Afonso (2007), o esporte é plural e polissêmico, em razão de apresentar diversos significados para a sociedade atual, podendo ser diversão, lazer, educação, espetáculo midiático, exercício para a saúde, entre outras possibilidades de práticas. O esporte, como cultura universal, tornou-se diverso e, portanto, complexo.

O conceito de cultura é ambíguo, segundo Bauman (2012), pela incompatibilidade das numerosas linhas de pensamento que tentam defini-la. As definições de cultura são muitas. Intelectuais desenvolveram diversas classificações e atributos, como cultura material, cultura popular, cultura erudita, cultura imaterial, cultura corporal, entre outras.

Já Morin (2002) afirma que cultura é um conceito armadilha, um mito. Na perspectiva deste autor, o próprio conceito de cultura já se viu esgotado em sua capacidade de definição e/ou argumentação e que deveria ser compreendido como a forma pela qual o problema global do humano é vivido no local, no específico.

Para Bauman (2012) a teorização atual de cultura exige enfrentar o paradoxo em toda sua complexidade, em toda sua ambivalência. Porque o termo cultura incorpora discursos distintos, que organizam campos diversos, denotam diferentes objetos e classes, foca diferentes elementos dessas classes e sugerem diferentes questões e pesquisas. Os discursos constituem a coexistência de três noções/conceitos distintos de cultura: conceito hierárquico de cultura; conceito diferencial de cultura e conceito genérico de cultura.

A noção hierárquica de cultura exalta a oposição entre as culturas aprimorada e rudes, tendo a educação como elo para transformação. O conceito diferencial de cultura é produto e produtor das infindas oposições entre os estilos de vida dos diferentes grupos humanos. A noção genérica de cultura é estruturada pela dicotomia humano-natural, a distinção entre o que acontece ao homem e o que o homem faz. O conceito genérico de cultura relaciona-se as qualidades que congregam a espécie humana e a caracteriza (Bauman, 2012).

O esporte e a cultura são polissêmicos e fenômenos sociais, universais e complexos. Assim, o objetivo deste artigo é analisar as relações entre esporte e cultura, para compreender o esporte no interior das diferentes noções de cultura e identificar as possibilidades do esporte como diálogo entre as culturas.

Desenvolvimento: nexos esporte e cultura

Para compreender o esporte como patrimônio cultural dinâmico da humanidade, é imprescindível analisá-lo no interior de cada um dos conceitos relatados por Bauman (2012), relacionando as características, estruturas, funções e atributos do esporte com a cultura. Tais análises possibilitam criticar as concepções e utilizações do esporte na sociedade atual que confundem e influenciam o entendimento do esporte no mundo.

Esporte analisado junto ao conceito hierárquico de cultura, que considera a cultura acima do natural do homem, como propriedade a ser adquirida, dissipada, manipulada, transformada, moldada e adaptada. A cultura como conjunto de práticas de uma sociedade, para moldar a qualidade humana. Nas palavras de Bauman (2012):

O termo “culturas”, quando entendido do ponto de vista hierárquico, dificilmente poderia ser usado no plural. O conceito só faz sentido se denotado como **a cultura**; existe uma natureza ideal do ser humano, e **a cultura** significa o esforço consciente, fervoroso e prolongado para atingir esse ideal, para alinhar o processo de vida concreto com o potencial mais elevados da vocação humana (Bauman, 2012: 93). Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela “falta de cultura”. Enfatizamos repetidas vezes a “transmissão da cultura” como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu **nível cultural** (Bauman, 2012: 90, grifos no original).

Pode-se compreender a relação do esporte com conceito de hierarquia da cultura ao conceber o esporte como educação para formar, adaptar e moldar o homem nos padrões culturais estabelecidos como ideais. Esporte praticado como meio para educar e classificar os cultos, educados e cavalheiros dos outros, os bárbaros, grosseiros, violentos.

Bourdieu (1983) relata a origem do esporte moderno nas escolas e universidades inglesas como fator de educação das classes dominantes e sua propagação pela prática da burguesia que almejava diferenciar-se da classe trabalhadora. Surge então o termo *sportman* que distingue o homem cavalheiro, refinado competidor e gentil.

Provavelmente, o valor educacional do esporte, somado ao favorecimento da saúde, fez com que a cultura esportiva fosse levada a maioria dos países no Século XX, até alcançar a universalização.

Jullien (2009) explora o paradoxo entre uma pretensão universal e sua origem em determinada cultura. Assim, radicaliza o problema da “boa intenção” do diálogo entre as culturas; as tentativas parecem mais manifestação de universalismo, ou seja, a imposição de uma cultura dominante como única, o diálogo inteligente entre as culturas está longe de acontecer. O autor discute a questão ao explicitar as diferenças e semelhanças de três conceitos-chave: universal, uniforme e comum. Conforme Jullien (2009) somente o que é necessário, a priori, é universal, uma prescrição fundada em uma necessidade, expressão da razão, comprovada pela ciência, exigência inegociável e irrevogável. Constata-se na Constituição, legislação ou sistema educacional de muitos países o direito a prática do esporte, legitimado na razão dos seus incontestes potenciais educacionais e benefícios à saúde, entre outros. O esporte é universalizado em razão da sua valorizada necessidade para a educação e saúde das pessoas, na cultura europeia, como forma de desenvolvimento cultural e ascensão social relacionado ao conceito hierárquico de cultura.

Entretanto, Jullien (2009) contesta a razão com que se exige a universalidade da cultura, afirma que a padronização ameaça recobrir toda a diversidade cultural. O autor postula que seria um produto singular da história intelectual europeia, um atributo acidental e não essencial. A cultura esportiva enquadra-se exatamente como uma atividade europeia em sua origem e que se torna hegemônica como prática corporal pela expansão e disseminação da cultura europeia e ocidental no mundo todo. Os países orientais e africanos não tinham como cultura corporal a prática de esportes, as expressões culturais eram as lutas e as danças, respectivamente, que foram dissipadas, transformadas ou conformadas.

Jullien (2009: 27) coloca o universal como oposto do individual (singular). A universalidade é uma violência à existência, ao indivíduo, que é o único ponto de verdade humana. “[...] quem ainda pode acreditar na transparência do universal, ou até mesmo que ele seja um instrumento neutro?” Assim, pode-se levantar uma reflexão a partir do seguinte questionamento: o que acarretam os megaeventos esportivos e a suas relações com a mídia e a indústria esportiva? Sinteticamente pode-se inferir que os megaeventos esportivos contribuem para a universalização do esporte, com as transmissões midiáticas dos

megaeventos que difundem a prática esportiva em diferentes países e comunidades, mas não de forma transparente e neutra, pois tem interesses além da difusão do esporte, com objetivos comerciais, políticos, ideológicos e outros.

Os megaeventos esportivos se transformaram em “superprodução midiática” distinguindo-se de outros eventos esportivos do passado. O espetáculo esportivo oferecido por essa superprodução exige uma organização sem improvisos e minimizando imprevistos, uma vez que deve maximizar o lucro dos organizadores e das empresas de televisão, assim como propiciar um retorno garantido aos patrocinadores (Proni, 2014).

O espetáculo é o instante em que a mercadoria ocupa a vida social. Os megaeventos esportivos, através da mercadoria esporte, torna os consumidores reais em consumidores de ilusões, ou seja, a mercadoria é uma ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral (Debord, 1997).

O esporte também pode ser relacionado à cultura como conceito diferencial, quando empregado para explicar as diferenças visíveis de práticas esportivas dos diferentes grupos sociais. O conceito diferencial estrutura-se na visão grega de cultura helênica e bárbara, ou seja, o que é diferente da cultura conhecida, da “nossa” visão de cultura, é estranho, exótico e inferior. No conceito diferencial de cultura cada sociedade tem seus modelos, sua cultura para formar o ser humano, que não é determinado pelo genótipo.

Bauman (2012: 103) afirma que o conceito diferencial de cultura tem o seguinte significado: “o termo ‘cultura’ é empregado para explicar as diferenças visíveis entre comunidades de pessoas (temporária, ecológica ou socialmente discriminadas)”.

Em outras palavras, não que “uma cultura” seja vista como entidade isolada e singular porque, por esta ou aquela razão, o conceito diferencial de cultura foi aplicado. A cultura é de fato um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra; e assim, em vez de ajudar a forjar a visão de um antropólogo, o conceito diferencial reflete a verdade objetiva por ele descoberta (Bauman, 2012: 125).

Porém, radicalizar a concepção diferencial de cultura leva a acreditar em várias culturas, que pode isolar as pessoas e fragmentar as culturas, em razão da difusão das ideias negativas das sociedades próximas, formação de ideologias etnocêntricas que levam as culturas adaptadas e especializadas serem conservadoras e reativas em relação ao mundo, negando e excluindo todas as demais formas de cultura (Bauman, 2012). O autor é contundente ao afirmar que a antropologia sofre para negar as similaridades das culturas. O difusionismo é uma das formas de explicar a similaridade e o esporte é uma das culturas difundidas em todo o mundo.

Observa-se atualmente a prática de diversos esportes por grupos étnicos e classes sociais diferentes. Alguns esportes, devido ao alto custo de sua prática, são restritos a determinadas classes sociais, como hipismo, iatismo, automobilismo, natação, tênis e outros. Também, existem esportes

vinculados e difundidos somente a determinadas etnias, por exemplo, badminton, críquete, etc. Esportes que não foram universalizados em razão da cultura local, da resistência a homogeneização da cultura ou da sua elitização pelos próprios custos de sua prática.

Essas culturas esportivas, em específico, não foram universalizadas, não obstante o esporte ser globalizado. O esporte no século XXI é um produto comercializado mundialmente em grande escala, coisificado, especialmente por tornar-se produto midiático, pelo desenvolvimento tecnológico que permite transmissões de eventos com qualidade e emoção nunca antes vividos. Também, tem-se interesse no esporte como cultura globalizada, com a criação de ídolos mundiais, e estratégias de marketing, que favorecem e fomentam a produção e comercialização dos materiais esportivos consumidos em larga escala, a chamada indústria esportiva, que movimenta bilhões de dólares ao ano.

O esporte moderno e a globalização são fenômenos que estão assentados no desenvolvimento científico e tecnológico, no surgimento das metrópoles, no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos meios de comunicação e de transportes que começam a formar um mercado das nações; o aumento do tempo livre e do lazer; e a revolução burguesa. Este contexto possibilitou maior democracia e confrontos esportivos entre as nações. O esporte passou a envolver quantias elevadas de capital, arrastar multidões de espectadores, criar ídolos, mitos, intermediários culturais (cronistas, jornalistas, etc.) e vincular-se ao consumo de bens, produtos e serviços (Soares et al., 2007: 69).

O esporte como produto aproxima-se do conceito de uniforme formulado por Jullien (2009) para compreender a proximidade e o possível diálogo entre as culturas. Diferente do universal o uniforme relaciona-se com a produção e não a razão, uniforme deriva de uma mercadoria e é produzido em cadeia, com objetivo de padronizar a cultura e favorecer o consumo, como se encontra o esporte na mídia atualmente, produto a ser consumido e fomentador do consumo de mais produtos, materiais esportivos, isotônicos, bolas, indiferentemente da demonstração evidente de necessidades que caracterizam o universal.

O uniforme tem como oposto o diferente. Jullien (2009) ressalta e contextualiza o uniforme, que por suas regularidades, ameniza, adormece, até perder a consciência, debela a resistência, é produzido pelo *habitus*¹, conceito estruturado por Bourdieu (1983), que destaca a intervenção do social nos esquemas de percepção, pensamento e ação dos indivíduos para produzirem a estrutura social, a legitimarem, a

¹ Primeiramente se faz necessário diferenciar hábito de *habitus*. A categoria *habitus*, de Bourdieu, são as disposições socialmente adquiridas, pela aprendizagem implícita ou explícita, inscritas na subjetividade e encarnada no corpo de forma durável e com o contorno de disposições permanentes. *Habitus* estaria ligado à história individual, considerando que a noção pressupõe uma propriedade, um capital adquirido, que pode ser renovado, alterado ou reformulado com a vida social, conforme outras forças externas passam a atuar e corroer o próprio *habitus*. Em contrapartida, hábito é tido como um sentido repetitivo, mecânico, automático e meramente reprodutivo. Para Bourdieu (1983), *habitus* incorpora um enorme potencial gerador, funciona como um sistema de esquemas geradores, é produzido pela história de vida o meio social e, relativamente, apresenta dimensões do sistema de esquemas geradores de práticas e de percepção, representação e apreciação dessas práticas, que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim.

reproduzirem e a transformarem, pois é sua frequência que o autoriza. Enquanto a diferença cria a tensão, ressalta, faz trabalhar, o uniforme homogeneiza. A diferença possibilita alcançar a realidade e constituir sua essência. A desigualdade que cria condição para o autodesenvolvimento, o uniforme assemelha e perpetua.

Bauman (2012) afirma que as culturas estão em constantes mudanças, devido ao encontro de culturas, que gera desenvolvimento das culturas e do homem. A cultura é feita pelo homem e ao mesmo tempo faz o homem. Conforme Eliot (1988: 118) “A cultura nunca pode ser totalmente consciente – sempre há mais do que aquilo de que temos consciência; e não pode ser planejada porque é também o suporte inconsciente de todo nosso planejamento”.

A partir das discussões de Jullien (2009) sobre o uniforme homogeneizar e debelar a resistência e que o diferente cria tensão e condição para o desenvolvimento e do relatado por Bauman (2012) que o encontro das culturas gera mudanças e o desenvolvimento, levanta-se uma pergunta: seria em razão de o uniforme padronizar e homogeneizar comportamentos e culturas para favorecer a globalização e ampliação do comércio, que o esporte é inserido nas escolas, das diferentes culturas do mundo, na tentativa de uniformizar a cultura corporal e, assim, favorecer a comercialização das mercadorias do esporte? Não existe espaço para solver essa complexa questão no espaço deste artigo, mas a reprodução, imposição e ampliação das práticas esportivas nas aulas de educação física escolar, no processo de formação das crianças e adolescentes sem a devida contextualização e reflexão, preocupam e precisam ser avaliadas detalhada e profundamente. Porque, segundo Bracht (2006), além do esporte ser um conteúdo das aulas de educação física pelo mundo, as outras manifestações da cultura corporal também sofrem um processo de esportivização das suas práticas, como a dança, ginástica e lutas, que são cooptadas a práticas esportivas estandarizadas, incorporando os valores do esporte moderno e suas características de hipercompetitividade e para Ouriques (2014) e Proni (2014) nas perspectivas do espetáculo, do alto-rendimento e transformadas em mercadoria para obter lucro. Exemplo claro desse processo de transformação da cultura corporal em esporte globalizado, mercadoria e espetáculo é a prática da Capoeira, que de manifestação da cultura corporal brasileira transforma-se gradativamente em esporte universal, com a realização de competições locais até internacionais, com normas e estrutura estabelecidas e padronizadas por entidade de abrangência global, que uniformizam as regras e práticas e promovem a venda da mercadoria capoeira e dos produtos atrelados em todo o mundo globalizado.

Conforme escreve Galeano (1995: 18) sobre o futebol, “*El juego se há convertido em espectáculo, com pocos protagonistas y muchos espectadores, fútbol para mirar, y el espectáculo se há convertido em uno de los negocios más lucrativos del mundo, que no se organiza para jugar sino para impedir que se juegue*”.

Bauman (2012) descreve o conceito genérico de cultura como a necessidade de estabelecer uma fronteira absoluta que demarca o campo dos seres humanos separados das criaturas não humanas. Surge

da necessidade de enfrentar a unidade da espécie humana, que é esfacelada pela valorização do conceito diferencial de cultura. Consiste em atribuir à própria cultura a qualidade de característica universal de todos os homens. Cultura como conjunto único, total e indivisível atribuído apenas à humanidade.

Se a noção hierárquica de cultura coloca em evidência a oposição entre formas de cultura “requintada” e “grosseiras”, assim como a ponte educacional entre elas; se a noção diferencial de cultura é ao mesmo tempo um produto e um sustentáculo da preocupação com as oposições incontáveis e infinitamente multiplicáveis entre os modos de vida dos vários grupos humanos – a noção genérica é construída em torno da dicotomia mundo humano-mundo natural; ou melhor. Da antiga e respeitável questão da filosofia social europeia – a distinção entre “*actus hominis*” (o que acontece ao homem) e “*actus humani*” (o que o homem faz). O conceito genérico tem a ver com os atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais. Em outras palavras, o conceito genérico de cultura tem a ver com as fronteiras do homem e do humano (Bauman, 2012: 130-1). Em sua forma mais simples, o conceito genérico de cultura consiste em atribuir à própria cultura a qualidade de característica universal de todos os homens, e apenas destes (Bauman, 2012: 133).

O autor ressalta que problemas iguais levam a culturas semelhantes, aspectos importantes das culturas são relacionados e comparáveis às outras culturas. O alicerce da cultura no sentido genérico é a capacidade somente humana de pensar e produzir símbolos, como a linguagem, que é o cerne universal e básico da geração da cultura humana.

O esporte pode ser considerado como expressão corporal, como linguagem que expressa sentimentos, emoções, razões e outras significações. O esporte é a representação simbólica do homem em movimento, de suas pulsões, medos, angústias e desejos. O esporte é cultura humana, pois é estruturado como forma de linguagem que possibilita a comunicação e interação de diferentes pessoas, sociedades ou nações.

A compreensão do esporte como linguagem corporal e ou expressão que favorece o diálogo entre pessoas e nações aproxima-se do conceito chave, estruturado por Jullien (2009), como meio de promover o diálogo entre as culturas, ou seja, do comum.

Diferente dos conceitos de universal e uniforme, derivados da razão e da produção respectivamente, o comum é político. Comum é aquilo que temos ou tomamos parte, o que partilhamos e participamos, o que nos faz pertencer. O comum se funde a cultura e aos humanos pela experiência ao exercitar-se. É legítimo em sua progressão, não é obrigatório.

No esporte participamos integralmente, em nossa totalidade, tomamos parte de uma equipe, pertencemos a um clube, nação ou grupo de pessoas identificadas com os mesmos ideais, partilhamos e compartilhamos nossas emoções, valores, potenciais e dificuldades, com as pessoas próximas, identificadas com nossa cultura e com pessoas de outras culturas, classes sociais, nações e sociedades.

O comum, ao partilhar com alguns se fecha a outros, portanto é um termo de dupla face: inclusivo e exclusivo, aberto e fechado, como uma equipe que partilha dentro dela e exclui ou reprime a outra

equipe, as pessoas fora dela. O comum opõe-se ao particular ou ao próprio, comungam-se as dificuldades e qualidades, o mesmo observa-se no esporte coletivo, quando o grupo é mais importante que o individual, o sujeito sacrifica-se, doa-se pelo bem do comum, ao mesmo tempo em que recebe dos companheiros.

Considerações finais: esporte educação, mercadoria ou linguagem corporal?

A partir da reflexão do esporte e cultura à luz das perspectivas e premissas teóricas de Bauman e Jullien, pode-se inferir que o esporte é cultura e constitui-se em: 1) Forma de padronização da cultura, como **universalização** de uma cultura requintada, para melhorar saúde e educação, no desenvolvimento da “cultura” e favorecendo a ascensão social; 2) Produto midiático, esporte como cultura globalizada, pelas transmissões dos megaeventos esportivos, com a criação de ídolos e práticas culturais **uniformes** em todo o mundo, que favorecem estratégias de marketing e produção e comercialização dos materiais, equipamentos esportivos e do próprio esporte transformado em mercadoria, coisificado como produto da indústria cultural; 3) Linguagem corporal e ou forma de expressão e comunicação entre os homens, que favorecem o diálogo entre pessoas e nações, como meio de promover o diálogo do **comum** entre as culturas.

Dessa forma, constata-se que o esporte é realmente diverso e plural, assume características e identidades de quem o pratica, administra, vende ou explora. Coisificado torna-se produto a ser comercializado. Valorizado como fator de sociabilidade e educação transforma-se em instrumento de formação ou “deformação”, conscientização ou alienação na educação formal e não formal. Também, pode ser utilizado como instrumento ideológico, político, econômico, teológico e outros. Entretanto, o esporte pode vir a ser um campo de diálogo entre as culturas, desde que o foco da prática competitiva transcenda a reduzida finalidade da vitória, conquista e superação de resultado e recordes, e a consequente espetacularização e o lucro. Transformar, ou recuperar, o esporte em meio de comunicação com o outro, com o diferente, enxergar e se relacionar com o adversário como parceiro do diálogo, não como inimigo ou contrário a sobrepujar, humilhar, abater e arrasar.

O esporte que socializa os companheiros de equipe e os adversários, promove a inter-relação social, a solidariedade entre os praticantes e aprendizagens com o diverso, é, provavelmente, um dos caminhos para aproximação dos díspares e o fomento do diálogo inteligente entre as diferentes culturas, com a consequente interação dos dessemelhantes e as resultantes aprendizagens propiciadas por essa congruência do diverso, que forma o ser humano.

O diálogo no esporte, a partir do comum do ser humano, favorece o desenvolvimento da cultura e da humanidade. Talvez, o esporte vivenciado dessa maneira seja uma das formas de interlocução que

propiciará a superação do preconceito, racismo, nacionalismo, radicalismo e fundamentalismo, dialogando pelo comum do ser humano, mantendo a idiosincrasia e o reconhecimento de sua cultura.

No esporte experimenta-se, vive-se a essência mais natural, instintiva nos humanos, como a agressividade, a violência, a empatia e a cooperação, comum a todos nós. Os aspectos de caráter natural, biológico, ontológico podem ser os comuns entre os humanos e que liga e motiva tanto os humanos à prática esportiva, mas esse é outro longo diálogo.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. (2012). **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BENTO, J.O. (1997). **O outro lado do esporte**. Porto: Campo das Letras.
- BETTI, M. (1998). **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, P. (1983). Como se pode ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BRACHT, V. (2006). Sociologia do esporte e educação física escolar. In: Rezer, R. (org.). **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**, Chapecó: Argos.
- DEBORD, G. A. (1997). **Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ELIOT, T. S. (1988). **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Perspectiva.
- GALEANO, E. (1995). **El fútbol a Sol y Sombra**. Montevideo: Siglo XXI Editores. Editorial Catálogos.
- GAYA, A.C. (2000). Sobre o esporte para crianças e jovens. **Revista Movimento**, 13 (1): 1-14.
- JULLIEN, F. (2009). **O diálogo entre as culturas – do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARCHI JUNIOR, W; AFONSO, G. F. (2007) Globalização e Esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: RIBEIRO, L. C. (org.). **Futebol e Globalização**. Jundiaí: Fontoura.
- MORIN, E. (2002). Da cultura-análise à política cultural. **Margem**, 16: 183-221.
- OURIQUES, N. (2014). Acumulação de capital e futebol na América Latina. In CAPELA, P; TAVARES, E. (orgs.) (2014). **Megaeventos Esportivos: suas consequências, impactos e legados para a América Latina**. Florianópolis (SC): Editora Insular
- PILATTI, L.A. (1999). **Reflexões sobre o Esporte Moderno: perspectivas históricas**. 1º Premio INDESP de literatura Esportiva. Brasília: Instituto Nacional de desenvolvimento do esporte.
- PRONI, M. W. (2014). Megaeventos esportivos e acumulação de capital. In CAPELA, P; TAVARES, E. (orgs.) (2014), **Megaeventos Esportivos: suas consequências, impactos e legados para a América Latina**. Florianópolis (SC): Editora Insular.
- SOARES, A. J. G; *et al.* (2007). Copa da Alemanha 2006: futebol globalizado e o mundo dos negócios na pós-modernidade. In RIBEIRO, L. C. (org.) **Futebol e Globalização**. Jundiaí (SP): Fontoura.